

ANAIS DA I JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE
PARINTINS PARINTINS
2016

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>

<facebook.com/latinitates>

Arte da capa: Thiago Godinho

ISBN: 978-85-7883-432-6

E-ISBN: 978-85-7883-431-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2016

PUC-RIO, Certificação Digital nº 0621218/CA, Cf. Pádua Castro, Sandra de, *O imaginário na Construção da realidade e do texto ficcional*. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/atelacotexto/revistatxt5/Sandraartigo.html> acesso em 17/08/2016.

SHAKESPEARE, *Otelo, O Mouro de Veneza*, Ed. Ridendo Castigat Mores, Versão para e-book e e BooksBrasil.com, Fonte Digital www.jahr.org.

SILVA, Maria das Graças Araújo, *Sobre uma face do Romantismo Brasileiro: Leonor de Mendonça e a expressão do teatro romântico, Crátilo*. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários 2* (2009), 49-58.

TINOCO, Robson Coelho, *Leitura de Literatura na escola; uma nova relação dialógica*, UnB, S/D.

ZILBERMAN, Regina, «Recepção e Leitura no Horizonte da Literatura», *ALEA 10* (2008) pg. 85-97.

O Valor da Amizade em *As Confissões* de Santo Agostinho de Hipona

Luana Pantoja Medeiros¹¹

Alexsandro Melo Medeiros¹²

Resumo: Este estudo tem por objetivo fazer uma análise do valor da amizade em Santo Agostinho e uma breve comparação com o conceito de amizade verdadeira do filósofo grego Aristóteles. A análise conclui que há aspectos onde as concepções se assemelham, mas que são diferenciadas principalmente pelo ponto de vista cristão de Agostinho.

Palavras-chaves: *amicitia*; cristianismo; virtude.

A amizade em Santo Agostinho

Em sua obra *As Confissões*, que é uma obra autobiográfica, Santo Agostinho relata alguns casos ocorridos com alguns de seus amigos e que o levam a refletir sobre este importante tema. No livro

¹¹ Graduanda em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas.

¹² Professor de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas; Mestre em Filosofia pela UFPE; Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM.

IV intitulado Perda Dum Amigo, o bispo de Hipona relata a perda dolorosa de um amigo: “De todas as amizades cultivadas por Agostinho nos tempos de escola, uma delas, se tornaria tão profunda e intensa que ele a consideraria, posteriormente, como se fosse uma parte de si” (SILVA, 2013, p. 24). Agostinho não cita o nome do seu amigo e a sua morte prematura causou imensa dor para ele que na época era ainda jovem. A afinidade com este amigo se deu por causa dos mesmos interesses nos estudos, foram colegas de classe e cresceram juntos. Agostinho se sente culpado, como relata em sua obra, por acreditar ter desviado o seu amigo da fé que professava.

Da verdadeira fé, que ele, na adolescência, já não conservava íntima nem profundamente, tinha-o arrastado para as minhas quimeras supersticiosas e funestas que faziam derramar lágrimas a minha mãe. Quanto à ideia este homem andava comigo errante. Minha alma já não podia passar sem ele (...)
(AGOSTINHO, 1980, p. 91)

Agostinho ficou tão abalado com este episódio e relata em sua obra o quanto esse momento encheu de trevas o seu coração e foi motivo de infelicidade para sua vida. Esse fato marcou tão profundamente sua alma que, mesmo após muitos anos, quando é levado a escrever suas *Confissões*, procurou descrever com tamanha riqueza de detalhes o sentimento de amizade que nutria pelo seu amigo. Contudo, já com novos preceitos referente à amizade, o bispo reconhece que não era verdadeira por faltar os elementos da fé cristã.

Com efeito, só há verdadeira amizade quando sois Vós quem os enlaça os que estão unidos pela caridade difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado, contudo, era-me sumamente doce esta amizade aquecida de idênticos estudos. (AGOSTINHO, 1980, p. 91).

Agostinho dedica algumas páginas de as *Confissões* para falar da amizade que teve com Vindiciano, Firmino, Alípio, Nebrídio, Romaniano. Todos representam um momento importante na vida de Agostinho nos laços de amizade que ele criou ao longo de sua vida. Algumas dessas amizades surgiram com a proximidade que Agostinho teve com alguns de seus alunos de suas aulas de retórica em Cartago, como foi o caso de Alípio e Nebrídio. E sobre este

grupo de amigos, Agostinho confessa: “sem eles não poderia ser feliz (...) eu não amava esses amigos por interesse, e também eles me amavam desinteressadamente.” (AGOSTINHO, 1980, p. 169). Ainda sobre Nebrídio escreve Agostinho em suas *Confissões* como mais uma vez foi atingido pela tristeza devido à morte de seu amigo. Agostinho recorda com carinho do seu “doce amigo” e que Agostinho acredita estar gozando da vida eterna na presença de Deus. “(...) aí está ele vivo, e liberto, Senhor. Pois em que outro lugar poderia acolher semelhante alma? (...) não creio, porém, que esqueça de mim, enquanto tu, que és o Senhor que o sacia, não te esqueces de nós” (AGOSTINHO, 1980, p, 169).

Entre seus inúmeros amigos, Romaniano foi importantíssimo em sua vida e apesar de suas diferenças de idade. Porém, a conversão de Agostinho viria abalar aquela amizade já que nem todos os seus amigos se tornaram adeptos à fé cristã. Romaniano era maniqueísta, e mesmo assim teve seu lugar em as *Confissões* recordado com gratidão e carinho.

É a conversão de Agostinho a fé cristã que irá modificar profundamente a visão que o mesmo tem sobre a amizade. Na leitura de sua vida o santo discorre sobre a amizade e revela que só é verdadeira (*vera amicitia*) aquela fundamentada em Deus e cuja união se dá na caridade que é fruto do Espírito Santo. A concepção cristã de Deus influencia a visão de amizade de Agostinho e isto o diferencia da visão grega aristotélica como veremos a seguir.

A amizade verdadeira para Aristóteles

Aristóteles aborda o tema da amizade no Livro VIII de sua *Ética a Nicômaco* e o filósofo grego fala das várias formas de amizade que pode ser fundada no prazer recíproco, na utilidade que procuram, ou no bem (ARISTÓTELES). Valendo ressaltar, desde já, que a verdadeira amizade é a dos bons. O que não significa dizer que a verdadeira amizade não possa ser útil ou motivo de um prazer recíproco, visto que os homens bons também podem ser agradáveis ou úteis uns aos outros, “ou seja, que a amizade fundada na virtude é, ela também, útil e agradável” (BERTI, 2001, p. 30).

Aristóteles conceitua as formas de amizade que se fundam unicamente no prazer ou na utilidade e que são chamadas de

“acidentais” visto que não é amigo de alguém pela pessoa em si, mas enquanto proporcionar algum tipo de prazer ou utilidade e tais amigos não se amam por si mesmos, mas enquanto existe algo do qual aproveitam um do outro. Por esta razão, Enrico Berti (2001) afirma que a relação entre as diferentes formas de amizade em Aristóteles é determinada por aquilo que ela é “por si” ou “por acidente”, e que nos permite pensar em um tipo de amizade perfeita e outra imperfeita, sendo a amizade fundada no bem a única que pode ser considerada perfeita e essencialmente verdadeira.

Santo Agostinho e Aristóteles

A partir destas breves considerações é possível analisar como Santo Agostinho se aproxima do conceito de “amizade imperfeita” no sentido aristotélico do termo, de uma forma de amizade que não existe em si mesma e que é apenas “acidental”, existindo unicamente enquanto existir algum tipo de interesse ou prazer nessa relação, e como Agostinho vai além do conceito de amizade verdadeira do filósofo grego ao procura associar o conceito de *amicitia*¹³ com uma conotação próxima do conceito de *caritas* que não acontece em Aristóteles e que está subjacente a uma espiritualidade monástica e fraternal, que resulta da consolidação de elementos tanto filosóficos como bíblicos.

Santo Agostinho e Aristóteles concordam quando entendem que quando uma amizade é fundada apenas na satisfação de interesses e prazeres pessoais, não pode ser entendida como amizade verdadeira e que além de uma amizade verdadeira, existem tipos de amizades que não são, porque acidentais e imperfeitas. E se para Aristóteles a verdadeira amizade só pode existir entre homens de bem, visto que deve estar fundada na virtude, Agostinho acrescenta a essa ideia o conceito de amizade cristã, a única que dura para sempre.

¹³ Um estudo contemporâneo do conceito de amizade levando em consideração a noção grega de *philia* (φιλία) ou latina de *amicitia* e de como os trabalhos de Aristóteles, principalmente a *Ética a Eudemo* e a *Ética a Nicômaco*, além da obra de Cícero, *Sobre a Amizade*, fundaram, em grande parte, todos os discursos sobre a amizade na tradição filosófica ocidental, é feito pelo filósofo francês Jacques Derridá (*apud* CAMPOS, 2008).

Agostinho foi tão influenciado pela sua conversão ao Cristianismo que isso afetou de alguma maneira seu círculo de amizades, já que nem todos os seus amigos, principalmente os de sua época das aulas de retórica eram adeptos da fé cristã e alguns, como Romaniano, eram maniqueístas. Agostinho afirma inclusive não ter medido esforços para trazer seus amigos para aquilo que acreditava ser não apenas a fé verdadeira, mas a própria amizade verdadeira.

Fica claro como a concepção cristã de Deus influencia a visão de amizade de Agostinho e como isto o diferencia da visão grega aristotélica. Não existe apenas diferenças, mas também semelhanças. Para ambos, a amizade é uma das maiores qualidades que um homem pode ter em vida. Mas à concepção grega de *philia*, de onde se origina a própria palavra “filosofia” (amor à sabedoria, amigo da sabedoria), Agostinho se identifica com o conceito de *ágape* e *caritas* cristão: “para existir amizade, será necessário a presença de uma comunhão de ideias acerca do mundo humano e divino” (MARTINS, 2008, p. 213).

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BERTI, Enrico. «A relação entre as formas de amizade segundo Aristóteles». *Analytica* 1 (2001), p. 23-44.
- CAMPOS, Natália Ferreira de. «A *amicitia* na obra *Politiques de l'amitié* de Jacques Derrida». *Anais XXIII SEC* (2008), p. 42-48.
- MARTINS, Maria Manuela Brito. «Amicitia nostra vera ac sempiterna erit: as fontes da amizade espiritual em Agostinho de Hipona». *Revista Portuguesa de Filosofia*.1 (2008), p. 209-240.
- SILVA, Joel Cícero da. *A relevância do conceito de amizade em Santo Agostinho na pós-modernidade a partir dos questionamentos de Zygmunt Bauman*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos, Instituto Santo Tomás de Aquino, 2013.